

O Ensino da Literatura no Ensino Médio

Vítor Hugo da Silva

Resumo: O presente trabalho justifica uma interpelação da Literatura no ensino médio apontando inconsistência certificada à disciplina numa concepção histórica desse ramo do saber, considerando, em especial, como é ministrada a disciplina Literatura para estudantes do ensino médio nas últimas décadas, através de análise e reflexão na composição de grande parte dos compêndios didáticos. Dessa maneira, sugere-se um estudo voltado para o diálogo entre texto e leitor na tentativa de melhorar o processo de aquisição da leitura dos alunos, como também, o repertório literário de nossa língua como passaporte para sensibilização do educando, que apresenta peculiaridades nesta fase do desenvolvimento e requisita novas formas de conceber a literatura e, assim, construindo um cenário de expectativas e significação para esse sujeito leitor. Dessa maneira, as respostas obtidas nesta análise empírica realizadas no ensino médio, em especial o 3º ano, a partir de textos de Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector e outros autores renomados, foi possível investigar e detectar alguns problemas relacionados com a leitura e a consequente escrita desses educandos. Conclui-se que essa proposição oportunize a proximidade desse jovem leitor com o texto literário, assim como, sentido e coerência dos textos e a preparação dos docentes para a leitura contribuindo, de forma expressiva, à formação do indivíduo, motivando-o a analisar o meio social, parte fundamental do saber, que esteia nossas interpretações e nos viabiliza a compreensão do outro e do mundo.

Palavras-chave: literatura; ensino; docente; discente.

Introdução

Este artigo tem como foco investigar a questão da aprendizagem dos alunos do ensino médio de duas escolas estaduais, assunto que tem suscitado empenho considerável das instituições governamentais, dos especialistas em educação, dos estudiosos no desenvolvimento da linguagem e na capacitação do aprendiz para a leitura, a escrita e o seu consequente “letramento”. A análise da aprendizagem, suas consequências e a apresentação de possíveis caminhos “cautelosos” para as instituições escolares são objetos desse estudo que se propõe a apresentar, ao final, que ainda é viável um retorno ao gosto, ao prazer da leitura e, de acordo com as teorias de Piaget, uma construção do conhecimento. Cosson (2016) deixa evidente esta discussão:

o letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária... o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não

SILVA, V.H. O Ensino da Literatura no Ensino Médio. In: Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino, 2, 2019. Timóteo. Atas da [...]. Timóteo: CEFET-MG, 2019, p. 174-185. Disponível em: <http://www.lite.cefetmg.br/publicacoes/atas-2a-lite>. Acesso em: ...

apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2016, p. 12)

De acordo com Cosson (2016), torna-se necessário enfrentarmos o descaso, a indiferença com a literatura trabalhando, essencialmente, com o novo, com o que possa ser levado às pessoas, à comunidade, aos estudantes para uma inovação literária.

Trabalhar com o novo é se preparar para uma criação literária numa situação contínua, privilegiada para que possa ir além das práticas escolares em conformidade com as habilidades sociais e das diversas práticas de leitura e de escrita na formação do leitor.

A partir das dificuldades constatadas *in loco* e do desinteresse, também constatado em sala de aula, é que a preocupação com o ensino e a aprendizagem da literatura, em todos os níveis e, primordialmente, no ensino médio, constitui a fundamentação do trabalho ora apresentado.

Como será especificado, essa atividade iniciou-se a partir da constatação, preocupante, do desinteresse de estudantes pelo estudo da literatura.

Esclarece-se ainda que a presente constatação dos resultados de muitos anos de docência me conduziu a promover a motivação dos discentes investigando as contribuições, a eficácia das aulas e transformando-as, dessa maneira, em uma nova metodologia no Ensino de literatura, em especial no ensino médio. Essa transformação implicou uma abertura ao diálogo, em uma dinâmica em que os alunos receberam mais abertura para a participação, para dar sugestões, ser ouvido e ser agente da sua própria aprendizagem.

O foco está, além do conteúdo curricular proposto, no trabalho com poesia, em especial, a relevância da discussão sobre o sarau literário dentro e fora da sala de aula incentivando-os ao desenvolvimento e constituindo-se, atualmente, como a grande tônica na busca da formação de leitores. O resultado da investigação da pesquisa sugere e anuncia mudanças nas conjunturas contemporâneas e vem determinando a necessidade de se pensar novas formas de atuação no ensino de literatura.

Análise e discussão dos dados

O presente artigo pretende analisar o trabalho desenvolvido nas instituições de ensino que o docente realizou sua pesquisa, com o objetivo de ampliar a visão e adquirir condições para uma formulação mais adequada da etapa de coleta de dados, possibilitando, assim, criar um instrumento de investigação coerente com o problema e os objetivos, na formação do leitor do texto literário.

Segundo Yin (2001), esse é um critério essencial para o desenvolvimento da teoria, por delinear a visão do pesquisador e orientá-lo na análise do objeto de investigação.

Procurou-se enfatizar a importância da leitura, bem como os meios que motivam esta prática da formação do leitor de textos literários, o gosto pela literatura. Foi apresentada a literatura

como ferramenta essencial para que o professor pudesse motivar e acompanhar o desempenho da habilidade da leitura e da escrita de seus discentes.

Utilizou-se um questionário direcionado aos alunos do ensino médio das Escolas Públicas Estaduais *Djanira Rodrigues de Oliveira* e *Juscelino Kubitscheck de Oliveira*, instituições em que atuava neste período.

O questionário teve como objetivo indagar a metodologia do professor e o que estava sendo trabalhado com o aluno dentro e fora da sala de aula, e a consequente resposta do aluno, face à pesquisa realizada. Considerando o que expõe Geraldi:

como coadunar essa concepção de leitura com atividade de sala de aula, sem cair no processo de simulação de leituras? Não me parece que a resposta seja tão simples. Se fosse assim, não haveria razão para tantos encontros de professores, tantos textos que tematizam a própria leitura. Qualquer que seja a resposta, no entanto, estará lastreada numa concepção de linguagem, já que toda metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – “com os mecanismos utilizados em sala de aula”. (GERALDI, 2012, p. 92)

A prática habitual consiste em o professor exigir que os alunos leiam certas páginas do livro didático, depois respondam às perguntas, conferindo erros e acertos, no imperecível e liquidante gabarito de respostas achado no próprio livro. Este processo não garante o diálogo entre texto e leitor, sendo assim, confere-se ao livro didático poder/saber total, inquestionável e infalível. O professor, intimidado, emudece e faz calar seu aluno nas condições materiais apresentadas, como o espaço de leitura em diálogo.

Outro quesito que chama a atenção é o constante despreparo do professor de literatura e a desvalorização do magistério em todas as instâncias, principalmente, na salarial. Evidenciou-se, durante todo o trabalho, que muitos são, supostamente, professores por força das circunstâncias e não porque gostam do que fazem.

Aparentemente, ser professor foi, e ainda é, para alguns, a última opção. Por esse motivo, não procuram, nem se preocupam em se atualizar. Atento para a explicação dos manuais: o professor não tem tempo para projetar suas próprias aulas, já que se desdobra em diversas jornadas, frente à remuneração inadequada ao trabalho docente, deixando-o fabril.

As dificuldades enfrentadas pelo professor refletirão no aluno, fazendo com que ele, o discente, perca o significado da sua vivência de leitura e é, justamente, essa falta de metodologia adequada que vai impossibilitar o diálogo para a prática da apreciação que poderia oferecer ao aluno a oportunidade para querer e gostar de ler.

Dessa maneira, obtiveram-se, através das entrevistas realizadas com os alunos a respeito do ensino de literatura, respostas que proporcionaram um certo aprofundamento e susceptivelmente uma análise mais substancial desse objeto de estudo, a fim de ampliar e examinar os diferentes aspectos inerentes ao ensino e aprendizagem da literatura.

Neste contexto, 65% dos alunos responderam ao questionário aplicado positivamente às perguntas e 35% negativamente a quase todas as perguntas, principalmente às questões relacionadas ao hábito da leitura. Conforme se vê no Gráfico 1, abaixo:

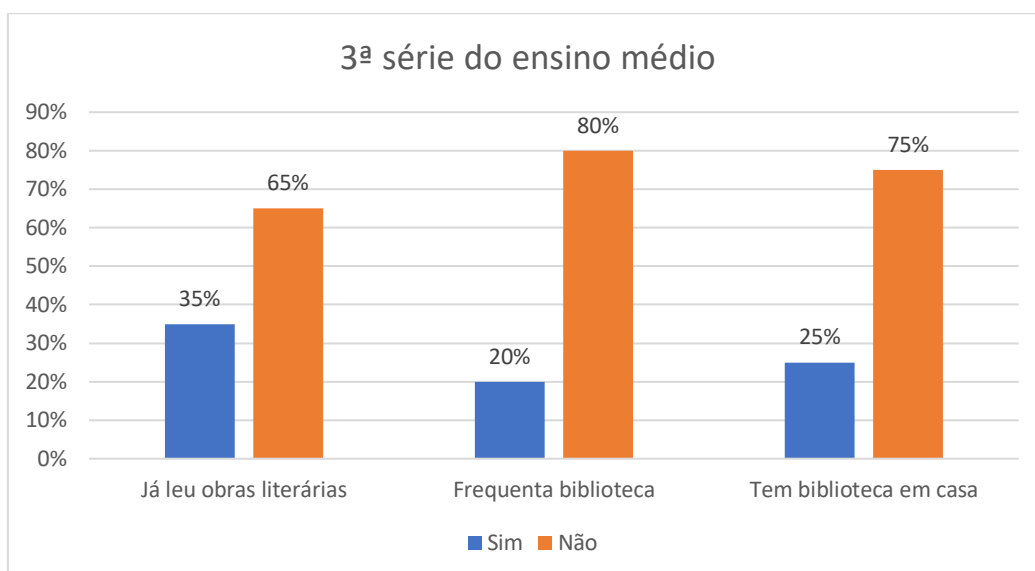


Gráfico 1: respostas ao questionário sobre hábitos de leitura. Fonte: dados de pesquisa.

Em relação à definição e entendimento das perguntas relacionadas ao aprendizado de literatura, foi possível perceber que a maioria dos entrevistados possui uma concepção abrangente. No tocante às respostas avaliadas nesse questionário, observou-se que os alunos, dessas escolas públicas, não estão satisfeitos com as aulas de literatura, pois se apresentaram cansados e às vezes indiferentes, bem como alguns professores que, segundo eles, utilizam de vocabulários difíceis, além de atulhar o quadro de conteúdo.

Entre a teoria e a prática e os meandros do processo

Pode-se perceber, no atual ensino de literatura, a dificuldade no tocante ao seu objetivo mais nobre, que é inserir o jovem, através dos estudos, na sociedade a fim de que possa atuar nela, melhorando sua condição de vida. De acordo com o PCN “o aprimoramento de educando como pessoa humana, inclui a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (PCN, 1999, p. 22). Nesse quesito, a literatura torna-se necessária por meio da leitura.

Certamente se a literatura estiver ausente da sala de aula, encontraremos alguns obstáculos, não será pelo simples fato de desconhecer a sua importância, mas sim por saberem que grandes revoluções foram feitas através dela, pois segundo Barthes (2007),

a literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: ela está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite a luz que aprisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. (BARTHES, 2007, p. 18-19)

Muitas pessoas repudiaram o poder ou manifestaram insatisfações através da literatura e uma das grandes provas disso é a pouca importância que se dá à ruptura e toda a produção contemporânea. Seria audacioso apresentar aos alunos que muitos escritores, que viveram há apenas 50 anos atrás, fizeram uma arte revolucionária e incomodaram muito com essa atividade de inovação como refere o nosso grande escritor Guimarães Rosa:

O correr da vida embrulha tudo.

A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem

A função do professor e a construção de atividades literárias

Parte-se do pressuposto de que cabe ao professor incrementar o processo de motivação proporcionando condições favoráveis para que o aluno crie o hábito da leitura no que diz respeito à prática contínua, ferramenta para o que chamamos de condições adequadas de aprendizado. Quando se pensa na importância que a literatura tem na educação e na praticidade que ela nos oferece enquanto motivação e autonomia tendo como foco a leitura e, conseqüentemente, a escrita, o aluno compreenderá com efeito e com estímulo que se torna necessário transformar seus pensamentos. Segundo Frantz,

a escola tem, portanto, um compromisso maior que é propiciar ao sujeito o desenvolvimento de sua capacidade de leitura do mundo. Assim, uma educação que se queira libertadora, humanizante e transformadora passa, necessariamente, pelo caminho da leitura. Da mesma forma, na organização de uma sociedade mais justa e democrática, que vise a ampliar as oportunidades de acesso ao saber, não se pode desconhecer a importante contribuição política da leitura (FRANTZ, 2001, p. 21).

Cabe ao professor, e exclusivamente a ele, descobrir o centro do interesse de seu aluno, ou seja, se ele gosta apenas das revistas em quadrinhos, ou textos da internet, ou mesmo obras consagradas tanto da tradição, como da ruptura, que o educador comece o seu trabalho por essa temática, ou, até mesmo a partir da análise de filmes, pedindo que os alunos produzam textos baseados no que constataram, vivenciaram, como também interpretando letras de músicas de suas preferências.

Em outras palavras, estimular o aluno a partir do acervo cultural que o cerca, tendo como foco, a diversidade como eixo norteador dos processos que compõem o universo da literatura. Assim para Lajolo:

ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo uma outra não prevista. (LAJOLO, 1993, p. 59)

Se a única leitura a que se tem acesso são os indefectíveis livros didáticos, ou os filmes de terror, ou ainda as letras de músicas atuais, como o pagode, o forró, o rap, o funk, que se inicie o trabalho através desses elementos. Talvez analisando estas leituras, pedindo que os alunos produzam textos baseados em relação a eles; interpretando as letras das músicas que gostam de ouvir. Seria essa a forma de socializar o aluno no universo da leitura de sua autonomia.

De acordo com Cosson (2016) seria uma proposta de criação em que o objetivo está na constituição de um leitor que vai além de um simples resultado dessa leitura, sobretudo, aquele que possa desvendar o texto, assim como promover a posição de leitor no exercício de sua autonomia, não se deliciando somente com o encantamento poético, entretanto, fazendo da leitura um meio de construção da prática desta apreciação.

Literatura e ensino

A leitura é uma prática social na qual quem lê desenvolve a arte de pensar e se torna mais crítico e capaz de compreender melhor os fatos. Embora a grande maioria não tenha interesse pela leitura, o que reflete no campo da literatura que alguns profissionais e estudantes não demonstram interesse por ela:

A literatura é uma prática social tanto para quem escreve quanto para quem lê. Prática social no sentido de atividade humana em intenção transformadora do mundo, que expressa o peculiar da relação do homem e mundo, o modo de ser do homem no mundo. (AGUIAR; BORDINI, 1988, p. 23)

A transmissão de significados por meio da linguagem não é uniforme em todas as comunidades, nem em todos os segmentos sociais, variando conforme as características dos falantes: origem, sexo, classe social, crenças e concepções de mundo.

Depende ainda do contexto em que ocorre a comunicação, seja oral, escrita, corporal ou artística e dos papéis que as pessoas assumem em situações diversificadas. Essas variações devem ser consideradas no espaço comunicativo, pois expressam os valores culturais, a identidade e a competência linguística do comunicando.

A linguagem como interação social implica falar e ouvir numa atuação combinada, em que o ouvir significa compreender a fala do outro, inserindo-a no contexto da conversação.

A palavra é limitada com caráter determinado porque implica análise, interlocutores, situação vivida, contexto cultural e recursos utilizados na comunicação, principalmente se esta for face a face. A construção significativa da fala depende da entonação, dos gestos e da expressão facial.

A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. (CANDIDO, 2000, p. 20)

A interação entre aprendizagem, desenvolvimento psíquico-social, conhecimento produzido pela humanidade e as relações estabelecidas com o meio social produzirão o saber. O convívio social do indivíduo prova que a unidade existente entre aprender e desenvolver é significativa e estimula avanço na trajetória do processo evolutivo para níveis mais complexos e servirá de base para a conquista de novos aprendizados da leitura e da literatura.

Para Bakhtin (1988) é na interação leitor/texto de que o educando vai compondo e ampliando seu repertório de significados.

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psi-

cofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. (BAKHTIN, 1988, p. 123)

Tomando por base as asserções acima, procurou-se direcionar o trabalho, levando em conta as particularidades da adolescência, as diferenças individuais dos estudantes, procurando desenhar o desenvolvimento da imaginação. No que se refere às instituições educacionais, tendo por base a cultura e o meio que condicionam os valores morais e sociais, o estudante incorporará, dentro do contexto, justiça e solidariedade, cabendo aos professores conhecer as condições de existência de seus alunos, para saber quais os valores estão sendo legitimados, considerando os processos sociais de interação.

Prováveis inconsistências detectadas no ensino da literatura

Seguindo essa linha de pensamento, procurou-se mostrar, nas etapas desse trabalho, as imprecisões encontradas no ensino da literatura, sejam elas provenientes do mestre, do aluno, do meio, da estrutura do ensino, enfim, detectar onde se encontram as questões da ineficiência e apresentar os caminhos e as substâncias para combatê-los.

De acordo com Bakhtin (1992), um elemento não pode construir os gêneros do discurso sozinho, uma vez que a comunicação acontece de forma coletiva e a transformação na linguagem depende do fator tempo e massa falante. Assim, cabe ao indivíduo compreender os gêneros existentes e a escola torna-se um ambiente propício para aquisição desse conhecimento.

Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (BAKHTIN, 1992, p. 302)

Afinal a seleção de um bom texto não é tarefa direcionada apenas ao professor de Língua Portuguesa, sendo necessário que o professor de outras áreas também providencie textos que possam incentivar a leitura. O objetivo de todos como educadores é de promover o ensino e a aprendizagem.

Cabe, portanto, à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas, com os quais o aluno se defronta sistematicamente no cotidiano escolar e, mesmo assim, não consegue manejar, pois não há um trabalho planejado com essa finalidade. (BRASIL, 1997, p. 26)

A leitura está ligada à escola, entidade responsável pela educação dos alunos na sociedade atual. A evidência empírica deste trabalho se forma no procedimento estável de observação de aulas de literatura em escolas de ensino médio, e em entrevistas recorrentes a alunos e professores de literatura.

Para nós, o importante é que o professor perceba que essas atividades são possibilidades que só adquirem força educacional quando inseridas em um objetivo claro sobre o que ensinar desta ou daquela maneira, isto é, elas devem estar integradas em um todo significativo, no nosso caso a sequência básica ou a expandida ou outra criada pelo professor. (COSSON, 2016, p. 121)

Os alunos procuravam conhecer um projeto que diferisse da mesmice e se envolviam em projetos comunitários quando lhes eram dadas as oportunidades, que lhes proporcionassem motivação necessária a fim de que pudessem desenvolver um trabalho prazeroso.

Dessa maneira, iniciou-se um projeto de poesia desenvolvido com os alunos do ensino médio, a fim de estimulá-los com o propósito de valorizar a nossa produção literária e motivando-os com o Sarau literário estabelecendo, assim, um contato com o público leitor agregado à literatura.

Assim sendo, uma forma de divulgar as criações inéditas, despertando, deste modo, a leitura voltada para interpretação e a produção escrita dos poemas na tentativa de valorizar a nossa cultura.

Por conseguinte, gostaria de despertar o gosto poético, por meio de obras de poetas e artistas da comunidade com o exercício realizado em casa aberta com Sarau literário ou Café literário, em que os alunos executavam uma literatura genuína, assim como exposição das Vanguardas europeias, teatro, fotografia, em especial, aos terceiros anos. Outro aspecto importante diante de tudo isso é que se torna necessária a interdisciplinaridade na sala de aula, o que quase todos os professores da escola se envolveram.

Continuamos a investigação sobre as permutas interdisciplinares como exigência do saber atual. A compreensão interdisciplinar tornou-se ainda mais necessária a partir do momento em que nos vimos sitiados pela complexidade da vida cotidiana e pelas desconcertantes peripécias de uma história incerta. (TEMPO BRASILEIRO, 1962)

O processo ensino-aprendizagem não pode nem deve ser fragmentado como que cada disciplina fosse afastada do convívio social, o processo é um todo e precisamos cada vez mais abrir o leque para esse fato, pois assim teremos educadores e alunos motivados e realizados na sala de aula. E Cosson, esclarece essa situação:

[...] buscamos responder às demandas de professores e alunos por um ensino significativo de literatura. A proposta que foi delineada nos pressupostos e nas práticas ao longo dos capítulos tem como centro a formação de um leitor cuja competência ultrapasse a mera decodificação dos textos, de um leitor, que se apropria de forma autônoma das obras e do próprio processo de leitura, de um leitor literário, enfim. (COSSON, 2016, p. 120)

Como o aluno, às vezes, se sente tolhido em seus sentimentos sem ter como se manifestar, a leitura literária dá a ele condições favoráveis para uma visão mais comovente e crítica com relação à vida e o mundo no qual está inserido. É como bem define o autor em *A aula*:

Mas a nós, que não somos nem cavaleiros de fé, nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo quanto a mim: *literatura*. (BARTHES, 2007, p. 16)

Toda essa construção literária foi de grande eficácia, pois conseguiu-se resgatar os valores culturais com solidariedade e, sobretudo, sabendo dividir os trabalhos com harmonia e parcimônia. Dessa maneira tudo foi conduzido de forma concernente às bases e nos princípios de um trabalho literário com descobertas fantásticas, o que na verdade requereu um certo tempo e muita paciência, como dito anteriormente, para que tudo acontecesse de maneira precisa.

É interessante perceber que em cada rosto, cada atitude a cara de reconhecer que tudo valeu a pena se tornava transparente. O que tanto surpreendeu. Observa-se que os trabalhos proporcionaram aos alunos um contentamento que nem mesmo se presumia. É sinal de que tudo tem o seu valor, quando se empenha e tem entre as partes o seu comprometimento. Em relação a este tipo de trabalho Cosson (2016) diz o seguinte:

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz com o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário. (COSSON, 2016, p. 120)

A literatura é muito mais que um mero instrumento de entretenimento. Um leitor de texto literário se torna parte do que lê, identifica, questiona e analisa. Na sala de aula torna-se de suma importância que haja por parte do professor mediador, que contribui para o incentivo no que se refere à reflexão do que foi lido.

Dessa maneira, o mediador deve abstrair todas as informações, “afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos”. É através do texto/leitor, ativado pelo conhecimento prévio do aluno que estimula o pensamento e faz com que a observação do texto literário se torne de maneira mais cuidadosa.

Entretanto, como educador, ousa-se dizer, nessa proposta de trabalho, que vem se desempenhando um papel de formador e, sobretudo, é sabido o anseio de poder solucionar um pouco, alguns problemas da literatura na sala de aula no sentido de ser formador e informador promovendo, assim, mudanças significativas na vida dos alunos através do processo ensino/aprendizagem.

A pesquisa realizada representa uma contribuição para formação deste perfil de leitores sobre a motivação na prática da habilidade de leitura e, conseqüentemente, se posicionar diante do texto literário.

Experiência no Ensino Médio

É necessário que se parta do princípio de que uma das premissas para que um texto possa ser inquirido como trabalho literário deve ser a sua potencialidade de gerar, no leitor, uma impressão de inusitado. Assim sendo, deve-se produzir neste mesmo leitor um certo incômodo e convidá-lo a transportar-se de sua assimilação cotidiana, geralmente, estabelecida, fundada, apresentando a ele uma forma de olhar para o mundo e conhecê-lo com mais veemência.

Ninguém poderá escolher esse caminho pelo professor, pois cabe única e exclusivamente a ele defender o tipo de cidadão que pretende formar. Dessa maneira é necessário que o professor garanta em seu planejamento que o texto literário entre como objeto de estudo, análise, inclusive como prática social de leitura, resgatando a dimensão fruitiva do texto, como assinala James (2018) quando diz que “o primeiro e mais importante fato que cada um afirmará, pertencerá a sua experiência interior é o fato de que a consciência, de algum modo, flui. “Estados mentais” sucedem-se uns aos outros nela”.

O texto literário é organizado de uma forma *sui generis* que vai para além das disposições linguísticas usuais tais como sintaxe, morfologia, semântica, fonética. Entretanto o texto literário, conforme qualquer realização estética, não necessita de um rigor prático, necessariamente — não produz um resultado a uma solicitação momentânea e, conseqüentemente, constrói-se num exercício de emancipação linguística.

Assim sendo, essa situação não suscita que tenha um texto de aquisição complexa ou, talvez, de acepção enigmática tampouco nutrido de afetações verbais. Para elucidar, tomemos como exemplo os poemas de Manuel Bandeira, o poeta de *Pasárgada*, tais como *Profundamente*, *Consoada*, *Preparação para a morte*, *Vou-me embora pra Pasárgada*, como tantos outros.

Assim, a sensação de reinvenção que o leitor desfruta ao ler esses poemas desdobra-se de uma realidade, disposição rítmica coadunada à perspectiva de que, repentinamente induz o leitor a esferas fortuitas de significação ou não. Por mais que se leiam e reexaminem, os poemas causam sempre a idêntica impressão, posto que sua gênese não se desvanece devido a se tratar de um grande escritor e, sobretudo de ensinamento em seus textos, percebe-se que os seus argumentos não param por aí, ofertando, dessa maneira, outras perspectivas, outras temáticas e novas vertentes.

Percebe-se, por assim dizer, a larga diferença entre esses textos e os demais que, não obstante, trazem emoção como também comovem e sensibilizam, diluem-se com o tempo e se apresentam com uma suposta trivialidade. Assim sendo, retome-se de que as contínuas reminiscências e possíveis convicções de que o fenômeno literário se sucede igualmente na sua apreciação. Sendo assim, Guedes-Pinto refere-se à importância da rememoração no processo formativo:

A rememoração possui essa força de nos colocar em xeque, de nos formular indagações sobre o vivido, sobre nossas escolhas e nossa experiência. E justamente em função desse diálogo que se inicia conosco mesmo é que nos revemos e nos surpreendemos "passando a limpo" a nossa história. (GUEDES-PINTO, 2005, p. 3)

Torna-se pertinente não misturar certas questões. Aqui, como em qualquer tenacidade de produção, há que se discernir aquilo que abranja o texto literário daquilo que está mais na ideia do lugar comum, mesmo nesses autores, nem tudo o que executam poderia denominar de literário, visto que não chegam a gerar aquele resultado de estranhamento que se alude. Como sugerem Wellek e Warren (1995):

A maneira mais simples de resolver o problema é a de pôr em evidência o modo particular de utilização da linguagem na literatura. A linguagem é o material da literatura, tal como a pedra ou o bronze o são da escultura, as tintas da pintura, os sons da música. Mas importa ter presente que a linguagem não é uma matéria meramente inerte como a pedra, mas já em si própria uma criação do homem e, como tal, pejada da herança cultural de um grupo linguístico. (WELLEK e WARREN, 1955, p. 28)

É evidente que existem critérios fundamentais para distingui-los: trata-se tanto da preparação linguística quanto da maneira de percepção-constituição da realidade. O contato corpo a corpo entre o leitor e a obra o conforma. Assim sendo, esta experiência detecta o lugar comum do leitor tendo por objetivo sair desta estabilidade e resgatar valores que possam interpretar e relacionar seu mundo e suas potencialidades.

Considerações finais

Este artigo é síntese de um trabalho que vem sendo desenvolvido desde 1993 e que se revelou em análises realizadas com alunos do ensino médio para verificar a importância da leitura nas Escolas Públicas Estaduais em que as falhas, as dificuldades, o interesse ou desinteresse, a inércia, o comodismo talvez possa persistir, neste caso, aparece como um forte obstáculo, impassível, para um processo ensino/aprendizado adequado.

Entretanto, existem caminhos que favorecem a mudança. Basta descobri-los e seguir o seu curso. Depende, como sempre, do elemento humano. Da vontade do homem. Aspiração que se manifesta com o propósito de aprender sempre. Aprender/ensinando para, assim, atingir o objetivo maior da educação que é o de mostrar o ser humano na vida social; fazer do cidadão dono de sua própria história. Do outro lado, o aluno também desconhece a sua condição de cidadão, de ser humano, capaz de elaborar o seu senso crítico e lutar por melhores condições na escola e fora dela. De acordo com Gadotti é preciso saber e entender que:

Todo ser humano é capaz de aprender e de ensinar, e, no processo de construção do conhecimento, todos os envolvidos aprendem e ensinam. O processo de ensino-aprendizagem é mais eficaz quando o educando participa, ele mesmo, da construção do 'seu' conhecimento e não apenas "aprendendo" o conhecimento. (GADOTTI, 1992, p. 70)

Percebe-se que todo esse exercício literário não ficou a desejar, a partir do momento em que se almejou a fazer frutificar o interesse pela literatura alicerçada em experiências próprias e dos pares que, em sua numerosa maioria, compactuaram com o ponto de vista do trabalho proposto.

Na verdade, é a esperança de um futuro em que o homem esteja realmente preparado para elaborar a sua trajetória, usando o seu senso crítico, a sua sabedoria, o seu conhecimento, na construção de um mundo mais digno, fazendo da convivência pacífica entre todos os seres que o habitam, uma conquista que honre a humanidade.

Referências bibliográficas

AGUIAR, V.T. de; BORDINI, M. da G. *Literatura: a formação do leitor* — alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de M. E. G. Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

BARTHES, Roland. *A aula*. São Paulo: Cultrix, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC; SEMTEC, 1999.

_____. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio — Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Brasília: MEC; SEMTEC, 1999.

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8 ed. São Paulo: Queros, 2000.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo. Contexto, 2016.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. 3 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. Coleção Educação.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- GADOTTI, Moacir. *Diversidade Cultural e Educação para Todos*. Juiz de Fora: Graal. 1992. p. 21, 70.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. Geraldi (org.) São Paulo: Anglo, 2012. 136p.
- GUEDES-PINTO, Ana Lúcia. Hora do Conto: momento de prazer, trocas, aprendizagem e cumplicidade. *Revista da Educação* – Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Campinas, Campinas, SP, p. 4 – 10, 01 nov. 1996.
- JAMES, William, [*The Stream of Consciousness*](#). 1892. Acesso em: 02 jun. 2018.
- POMBO, Olga. Liinc em Revista, v. 1, março 2005, p. 3-15. *Revista Tempo Brasileiro*. Números 108 e 113 (1962) e 121 (1995).
- WELLEK, R. & WARREN, A. *Teoria da Literatura*. Trad. José Palla e Carmo. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1955, p. 25-137.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.



Grupo de Estudos e Pesquisas
em Engenharia Didática

Franklin Gothic Book 11/10

Corbel 18

Em 2019, ano das grandes queimadas e devastações.